

**MUNDARÉU**  
**UM PODCAST DE ANTROPOLOGIA**

**Uma parceria entre o LABJOR/Unicamp e o DAN/UnB**

**Episódio 8**  
**Mundo, tempo e temporada**  
**29/07/2020**

Legenda:

**Blocos**

**Sonoplastia**

**Extras**

**ABERTURA**

[Música de abertura do Programa: “Quem canta” de Tatá & Danú, apenas o trecho instrumental, clima alegre. A música fica, como pano de fundo, ao longo de todo o bloco de Abertura]

**Soraya:** Olá, este é o Mundaréu, um podcast de antropologia. Eu sou a Soraya Fleischer, estou aqui com a minha amiga Daniela Manica pra apresentar pra vocês o oitavo episódio, o último dessa primeira temporada de Mundaréu. Esse episódio se chama Mundo, Tempo e Temporada.

**Daniela:** Esse episódio vai ser diferente. Nós vamos trazer alguns dos retornos que nós recebemos ao longo dessa temporada, e vamos trazê-los nas vozes dos nossos e das nossas estudantes e colaboradores que nos ajudam a fazer o Mundaréu.

**Soraya:** Lá em 2018 ainda, eu já tava interessada em pensar em outros formatos para falar da antropologia. A gente já começava a sentir que a antropologia, a sociologia, as ciências humanas vinham recebendo ataques de muitos lugares. Ataques que invalidavam, que demonizavam até nossa área. Então eu convidei a professora Daniela, essa minha amiga querida, pra a gente começar a pensar num projeto que pudesse vocalizar mais a antropologia, que pudesse falar da antropologia pra além, né, dos nossos redutos mais imediatos, pra que a gente pudesse traduzir, expandir, e fazer divulgação científica da Antropologia. Então a gente passou o ano de 2018 pra 2019 construindo esse projeto de um podcast de Antropologia. A gente lançou o primeiro episódio em novembro de 2019, fizemos então 7 episódios mensais, e agora chegamos aqui em julho de 2020 com o nosso oitavo episódio indo ao ar.

**Daniela:** Bom, então a gente vai começar trazendo o retorno dos nossos estudantes e os sentidos que elas e eles tem encontrado no Mundaréu. A gente pediu pra eles gravarem também de suas casas trechos curtos falando sobre essa experiência que vocês vão ouvir durante todo esse episódio entre as nossas falas.

**Soraya:** Muitos deles gravaram dentro do armário, outros gravaram fazendo uma cabaninha de cobertor, outros esperaram a madrugada pra quando a cidade estivesse um pouco mais silenciosa. Os nossos estudantes vêm de vários cursos, de ciências sociais, de música e de divulgação científica e cultural.

**Daniela:** O Mundaréu é também um projeto de extensão que recebeu o auxílio da pró reitoria de extensão e cultura da UNICAMP pra a realização desses episódios. Nesse oitavo episódio a gente incorpora uma proposta que estava nesse projeto de extensão de ouvir as comunidades que participaram do Mundaréu a respeito do impacto que o episódio teve pra elas, de como elas se sentiram retratadas ali e o que elas acharam de participar dos nossos episódios. Então muitas das falas dos nossos interlocutores que vocês vão ouvir vêm desse projeto que a gente desenvolveu agora na pandemia, de casa, ao longo desse semestre letivo atípico. Então a gente começa com a fala da Melissa.

### **Bloco: Retornos e Comentários**

**Melissa:** Eu sou a Melissa [fade out e fim da música], eu sou graduanda na Universidade de Brasília, eu faço licenciatura e bacharelado em antropologia. A minha vontade de fazer parte da equipe do Mundaréu, ela surgiu a partir das minhas vivências em salas de aula da educação básica, que eu pude ter graças aos projetos de iniciação à docência. E lá eu vi que a Antropologia praticamente é inexistente assim, o que explica muito né, aqueles momentos que a gente fala que faz Antropologia e a pessoa já olha pra gente com aquela cara de “antro o quê?” [risos]. Então eu passei a querer, assim como o Mundaréu, a levar a Antropologia pro mundo, usando inclusive uma expressão que intitula o nosso último episódio, eu passei a querer que o conhecimento antropológico seja passado de boca a boca. E tá participando dessa equipe, além de com certeza me aproximar desse meu objetivo e de tá sendo super importante nesse momento de quarentena porque é um trabalho em grupo né, que faz a gente se sentir um pouquinho mais perto, mesmo tando longe. Me inspira muito enquanto aluna de Antropologia, tanto no sentido de ser um lembrete constante da minha paixão por aquilo que eu escolhi fazer, e me dá muita esperança, em me fazer enxergar o mundo acadêmico mais humano, sabe, que conseqüentemente alcance as pessoas pra muito além das universidades. As histórias das relações de pesquisa que eu tive a oportunidade de conhecer pelo Mundaréu e a própria ideia de tá falando de Antropologia num podcast, me mostram a força de uma pesquisa que vai muito além desse mundo canônico que a gente conhece, dessas estruturas rígidas e lineares da escrita que a gente tá acostumada. Porque me mostra que a beleza da pesquisa tá em falar, ou melhor, tá em ouvir.

**Soraya:** A gente criar um podcast foi uma coisa muito inovadora pra nós. A gente tava muito acostumada com a escrita né, com escrever textos e escrever aulas, produzir artigos, publicar livros, aí de repente a gente passa por um outro tipo de mídia, e agora a gente tá então usando a voz né, então aprendendo a falar e nos expressarmos somente pela voz, a escuta, a fala, o sotaque, a cadência, a emoção que a gente passa pela nossa maneira de falar. Esse foi um aprendizado muito novo pra nós né, e a gente errou muito, a gente teve que refazer muitas vezes, a gente, enfim, falava muito rápido, falava com, empapava a saliva, encostava no microfone sem querer, enfim, perdeu gravação, uma série de coisas que a gente foi aprendendo. Pra além disso, desse aprendizado mais corporal, e da fala, a gente também quis que o Mundaréu tivesse um formato específico, então a gente quis evitar tanto uma entrevista mais longa com uma pessoa só, quanto também mesa redonda com várias pessoas convidadas e um único tema. A gente quis trabalhar mais um modelo adaptado de entrevistas, então conversas e sobretudo as histórias das pessoas que elas pudessem nos contar.

**Daniela:** A gente gravou os dois primeiros episódios, os pilotos na verdade a pouco mais de um ano, com o Rodrigo e a Marina e com o Zé Miguel e a Betânia. E agora nesse processo de construir esse último episódio da temporada a gente retomou conversas com os interlocutores de pesquisa que participaram pra poder saber o que eles acharam de participar do Mundaréu. O Vinicius, nosso pesquisador de iniciação científica conversou com a Marina, e ela lembrou daquela primeira gravação feita no estúdio da rádio da Unicamp na qual a gente tava iniciando o processo de conversar com fone de ouvido e microfone na frente e aí ela contou um pouquinho sobre isso.

**Vinicius:** Olá pessoal, meu nome é Vinicius Fonseca, sou um dos editores de áudio do Mundaréu. Nesse episódio voltamos a conversar com a Marina, que participou junto com o Rodrigo do nosso segundo episódio. Foi justamente sobre sua participação no episódio dois que a gente resolveu compartilhar um trechinho da nossa conversa com vocês. Ela comentou como ela tava nervosa no dia.

**Marina:** Se de alguma forma essa troca ficasse um pouquinho mais fluida assim sabe, [música eletrônica ao fundo, clima de suspense], uma, uma risada assim sabe, uma coisa que tipo [som de respiração] que desse um pouquinho mais de soltura talvez, mas essa coisa que as meninas falavam “aí, me arrepiei”, eu sei que elas falaram isso em outros episódios, “aí, gostei dessa parte”, “aí, isso me emociona”, sabe, poder ouvir delas assim esse lado tipo aí [som de respiração] sabe, tem emoção assim nessa pele de pesquisadora assim. [fade out e fim da música]

**Soraya:** É interessante a Marina comentar isso porque a gente tava ainda muito no início, era a segunda vez que a gente entrava num estúdio pra gravar. A gente tinha trabalhado muito no roteiro de questões que a gente queria dirigir pra dupla né, pra Marina e pro Rodrigo. Então eu acho que ela capta essa nossa imaturidade, essa nossa experimentalidade e inexperiência também né, de trabalhar com gravação. E eu acho que não só a Marina mas a gente recebeu muitos retornos de pessoas que começaram a ouvir, gostaram muito da proposta, mas falaram assim “puxa, deixa menos roteirizado, deixa um pouco mais solto”, e de fato, a gente foi acolhendo essa sugestão e ao mesmo

tempo essa crítica. O roteiro é muito importante eu acho porque a gente fica um pouco mais seguro quando a gente escreve o que que a gente quer falar, mas isso vem muito de uma prática nossa da escrita né, dos ensaios que a gente tem pra poder escrever e reescrever, rascunhar e depois melhorar o texto. Então a gente foi tentando roteirizar menos e agora a gente trabalha com uma lista de questões que a gente quer comentar e vai saindo assim, como a gente tá fazendo hoje, um pouco mais espontâneo e menos preso né. Espero que a Marina vá sentindo essa nossa, digamos, evolução aqui, na produção do Mundaréu.

**Daniela:** É, eu acho que todo esse trabalho de roteirizar e editar tem a ver com a nossa preocupação de fazer um podcast curto né, diferentemente dos podcasts de mesa redonda que em geral tem um tempo mais longo de conversa e que dão um pouco menos de trabalho nesse sentido de editar, porque você só corta algumas coisas. A gente muitas vezes redesenhou toda conversa a partir das histórias e esse tipo de procedimento dá muito trabalho né, e depende também de toda essa montagem de edição e de roteirização.

**Soraya:** Isso que a Dani acabou de falar dá pra a gente pensar em termos matemáticos, a gente faz uma entrevista com cada interlocutor depois a gente vai pro estúdio e isso soma mais ou menos trezentos minutos de material bruto, e a gente vai aproveitar apenas trinta minutos pra poder fazer o episódio final né, então tem um trabalho grande de produção e de edição.

**Arthur:** Oi gente, me chamo Arthur, sou estudante da graduação de Antropologia na UnB e faço parte da equipe do Mundaréu aqui de Brasília. Bom, acho que o maior aprendizado que eu tirei de toda essa experiência trabalhando com a equipe e ouvindo os episódios foi que a Antropologia não é aprender sobre o outro, mas aprender com o outro. É a partir do contato, das relações e das trocas no trabalho que o conhecimento é construído [música eletrônica de fundo, clima calmo] isso fica claro em cada episódio. Todas as pesquisadoras e as interlocutoras entrevistadas são pessoas, são seres humanos, com sentimentos, pensamentos, desejos, medos, e tudo isso vem a tona em uma pesquisa. E as conversas do podcast mostram que na verdade, é mobilizando tudo isso que nos faz ser seres humanos que possibilita o fazer antropológico. Pesquisadoras e interlocutoras se envolvem, criam laços, afetos. Eu lembro lá da história do Zé Miguel, lá no primeiro episódio, que teve que mudar todos os planejamentos de sua pesquisa para cuidar da sua principal interlocutora que tava muito doente quando ele retornou pro campo. Ela inclusive chamava ele de filho né, alguém que saiu de suas próprias entranhas. Isso é muito forte. Eu acho que são essas relações que nos permitem conhecer a fundo o outro e também nos conhecer, e aí que mora a ciência, o potencial e a beleza da Antropologia. E isso de aprender com o outro não se restringe só as histórias contadas nos episódios, mas também faz parte do nosso próprio trabalho enquanto equipe dentro do podcast. Aqui a gente constrói junto o trabalho, cada um dá sua opinião, sugestão, crítica, elogio, cada tarefa a gente faz junto, e é muito massa ver e sentir todo esse afeto sendo construído dentro da equipe. Eu acho que só assim a gente pode chegar em algum lugar né. Como disse a Clarisse no episódio 7, uma

pesquisa bem feita é uma pesquisa feita com alegria, com afeto, onde você cria uma relação de confiança, e assim que as informações podem fluir. Enfim, poderia citar vários exemplos e falar muito mais sobre o que eu aprendi nesse lugar, mas como o tempo é curto é melhor eu ficar por aqui. Abraços gente.

**Soraya:** Eu queria então aproveitar esse comentário que o Arthur fez, ele é muito importante porque ele é central aqui pra nós [fade out e fim da música]. O formato que a gente desenhou pro Mundaréu ele cria a identidade do Mundaréu. Esse formato é justamente o convite de uma dupla, a gente convida uma antropóloga que tá fazendo um trabalho, uma pesquisa, que tem aí um acumulo né, estudando aquele tema e aí a gente pede pra ela convidar uma das suas interlocutoras de pesquisa e fica totalmente, assim nas mãos dela essa escolha. E ela vai, faz esse convite, a pessoa aceitando a gente senta dentro de estúdio, as quatro pessoas, então eu e Daniela como anfitriãs que vamos puxar a discussão digamos, e essa dupla, antropóloga e interlocutora. É a dupla que permite que o diálogo comece né, com perguntas que vão e vem e tal, é dali que vem então a produção da antropologia.

**Daniela:** Isso, o nosso foco é a relação de pesquisa, o tipo de pesquisa que se faz em Antropologia que pressupõe uma relação humana entre uma pessoa e a sua interlocutora. A gente começou entrevistando as pessoas em estúdio, com muita preocupação com a qualidade do som e da edição, agora por conta da pandemia nós estamos experimentando as entrevistas remotas e quem sabe um dia a gente consegue fazer entrevistas no campo junto com as pesquisadoras né, que seriam uma outra forma da gente falar sobre essa relação tendo mais contato com os lugares de pesquisa e as suas paisagens sonoras.

**Soraya:** Esse seria o nosso sonho né Dani, ir pra campo com as pessoas.

**Ana Noronha:** Oi gente, eu sou a Ana Noronha, sou caloura de Ciências Sociais aqui da UnB, e pra mim tem sido muito importante estar no Mundaréu, não só porque como eu to no início do curso né, acaba me dando oportunidade de conhecer melhor a área, mas principalmente o Mundaréu tem sido uma oportunidade de pensar o conhecimento de uma forma mais colaborativa, uma forma mais acessível, e pra mim isso fica nítido no formato dos episódios quando botamos um antropólogo e a pessoa que acompanhou o campo pra conversar junto sobre suas percepções. É um conhecimento com vários olhares, é um conhecimento diverso e que por isso acaba sendo muito rico e isso é muito importante, muito valioso. Nos nossos grupos de estudo a gente acaba estudando muitas produções de outros podcasts, então acaba que a gente tem contato em como que a Antropologia tem sido pensada e principalmente divulgada nas universidades brasileiras e enfim, então tem sido uma experiência muito rica pro meu início de trajetória nas Ciências Sociais.

**Daniela:** Esse movimento que a gente propôs ao trazer parceiros de pesquisa e de vida pra falar teve a intenção de também expandir o tipo de conhecimento que a Antropologia pode produzir no sentido em que geralmente essas pessoas aparecem nos textos dos antropólogos, as suas falas aparecem transcritas, aparecem entrecortadas no

argumento que cada antropólogo colocou. Então nosso movimento foi de trazer as vozes dos interlocutores também pra dentro do nosso podcast pra a gente poder falar outras coisas também, falar dessa relação junto com as pessoas que participaram daquele conhecimento antropológico que tava sendo constituído. Vocês mandaram vários comentários pra a gente notando essa diferença e a gente acha que esse é um dos pontos legais que a gente quer manter no Mundaréu, porque traz novas questões e atualiza questões já muito trabalhadas e discutidas como a questão da autoridade etnográfica né, que é a ideia de que o antropólogo tem mais ou a antropóloga tem mais autoridade por tá, por ser a pessoa que vai fazer o registro por escrito de um processo de pesquisa e que nesse processo de escrita muitas coisas são apagadas.

**Soraya:** Inclusive Dani essa discussão sobre autoridade etnográfica apareceu numa experiência de uma experiência didática, dentro de sala de aula quando o Mundaréu também foi utilizado como um material de debate na sala de aula. Então quem vai nos contar sobre isso é a Zane, que trabalha na equipe do Mundaréu em Brasília.

**Zane:** Oi pessoal, eu sou a Zane do Nascimento, mestranda em Antropologia pela Universidade de Brasília e integrante do Mundaréu. A experiência que eu compartilho com vocês vem lá da PUC do Rio Grande do Sul. A pandemia ela deslocou as aulas presenciais para a modalidade virtual. Não nos esbarramos mais com nossos professores pela Universidade e nem compartilhamos o cafezinho no centro acadêmico, mas temos estabelecido novas interações em espaços online. O lado bom disso tudo, para sermos otimistas, é que muitos estudantes descobriram a podosfera e para nossa alegria também nos descobriram. O exercício proposto pela antropóloga e professora Fernanda Bittencourt propôs um experimento envolvendo o Mundaréu. Então cada estudante da turma de Ciências Sociais escolheu um episódio segundo seus próprios critérios e explorou o texto do James Clifford para pensar a relação entre a autoridade etnográfica a partir do Mundaréu. O relato que separamos para vocês foi compartilhado em um fórum, onde a turma pôde dialogar sobre os usos e os desusos de alguns termos na Antropologia. Hoje, assim como o Mundaréu, a práxis dialógica afetuosa incorpora o fazer antropológico, como bem captado pelo estudante Geovane Flach. Para fazer essa linkagem, esse termo inclusive muito divertido usado pelo Geovane, ele escolheu o primeiro episódio do Mundaréu, “Uma Puta Feminista, um Puta Antropólogo” [música eletrônica de fundo, clima animado], e nas palavras do Geovane, abre aspas: “A entrevista foi muito interessante, pois ambos relatam a história de como se conheceram. É importante percebermos aqui que se a análise fosse de estilo monológico, somente o antropólogo seria consultado sobre suas impressões obtidas no campo, mas foi justamente o contrário. A análise foi aberta, polifônica, ambos tiveram a oportunidade de expressar suas percepções da realidade. Não quero disseminar discórdia, mas pelo que pude perceber a Betânia falou mais que o antropólogo. Outro fato que me chamou atenção está na forma como a conversa foi sendo conduzida. Havia momentos que a entrevistadora perguntava para a Betânia sobre as dificuldades de seu emprego, não deixando de lembrar de perguntar a mesma coisa para o José, o antropólogo. Isso é muito nobre, pois demonstra uma igualdade de tratamento. O

mesmo acontecia nas exposições, se houvesse uma pergunta geral os dois entrevistados respondiam fazendo com que houvesse um diálogo”. Fecha aspas.

**Daniela:** Um dos principais propósitos do Mundaréu [fade out e fim da música] é divulgar a Antropologia [música eletrônica de fundo, clima calmo], divulgar o tipo de pesquisa que é feito, os temas de pesquisa, quem são as pessoas que participam das pesquisas em Antropologia e a nossa ideia é que isso possa funcionar pra discutir questões da própria Antropologia como a gente acabou de ouvir, e também pra que pessoas que não são da área possam conhecer o que uma antropóloga faz, que a gente possa compartilhar essas experiências com as nossas pessoas com quem nós convivemos que não são da área das Ciências Sociais, os nossos familiares, amigos, pessoas interessadas no tema, na discussão. E sobre isso quem vai falar um pouquinho é a Irene.

**Irene:** Olá, eu me chamo Irene [fim da música], sou estudante de Ciências Sociais licenciatura na Universidade de Brasília e sou bolsista do Mundaréu pelo Centro de Educação a Distância também da Universidade de Brasília. Bom, assim que eu fui selecionada pro Mundaréu, a pandemia começou. E nesses tempos tão difíceis e confusos os podcasts tem sido uma grande companhia pra mim, em especial o Mundaréu onde eu tenho me debruçado sobre áudios, transcrições, fotos e conhecido mais sobre o trabalho de campo da Antropologia que é a minha área. Tem me feito conhecer referências contemporâneas e pensar na minha própria trajetória dentro da Antropologia no que eu tenho vontade de pesquisar e conhecer tantos novos assuntos que eu nunca nem tinha imaginado antes. Além disso, os podcasts são uma possibilidade de troca e de aproximação com pessoas que estão longe, pessoas queridas, com amigos e familiares. Então pra mim é muito legal poder mandar o podcast do Mundaréu pra algum familiar, pra minha avó por exemplo, pra minha mãe, pro meu pai, pra eles conhecerem um pouco mais do trabalho que tá próximo a mim de pesquisas que eu me interesse, de assuntos que eu acho que são importantes e ouvir o retorno dessas pessoas também, poder criar pontes e diálogos com eles, e também outros podcasts que a gente pode ouvir tanto para se informar sobre o momento que a gente tá vivendo mas também pra, enfim, esvaziar a cabeça e ouvir sobre temas diferentes, coisas novas que a gente quer conhecer, assim como pesquisar mais sobre nossa área também. Então o podcast do Mundaréu tem contribuído muito pra mim de diversas formas, em especial para me sensibilizar sobre outras áreas da Antropologia que eu não conhecia e, acho que é isso.

**Soraya:** Foram muitos os retornos que nós tivemos semelhantes a esse da Irene. Muita gente nos escreveu ou nos mandou mensagens de áudio pelo WhatsApp contando como foi importante ouvir um episódio com a mãe, com o pai, com o avô. E foi pra essas pessoas a primeira vez que esses parentes entenderam o que que ela faz todos os dias na universidade por tantos anos né. Então o Mundaréu tá ajudando a traduzir essa prática cotidiana de produção científica desses estudantes pra seus familiares e isso é muito precioso, eu acho né. Isso também aparece, não só por parte dos estudantes que fazem parte da equipe, mas também, enfim, e também pelo público mais geral, mas

também por um dos convidados que tivemos que foi o Marcel, no episódio 3, e ele conta como é que o episódio reverberou no seu círculo mais próximo né, no seu círculo afetivo.

[Música eletrônica de fundo, clima animado]

**Milena:** Oi, aqui é a Milena Perez e eu vou apresentar um trecho do feedback do Marcel que participou do nosso terceiro episódio, o “Pessoas Cis Podem Fazer Pesquisa Com Pessoas Trans?”. Ele contou pra gente sobre algumas pessoas próximas a ele que ouviram e gostaram muito do programa.

**Marcel:** Eu indiquei pra várias pessoas, pra minha família, amigos, indiquei pra minha namorada [fade out e fim da música]. Ah, quem escutou deu um puta feedback legal assim, falaram que gostaram bastante, minha namorada falou que emocionou escutando. A minha irmã, ela é da área da Antropologia né, tá fazendo doutorado no momento, ela escutou também gostou muito. Inclusive tem uma história meio engraçada que uma amiga dela, também antropóloga, ela chegou a comentar com ela que ela tava escutando um podcast legal de Antropologia, “ah esse podcast aqui o Mundaréu e tal”, aí minha irmã falou “ah você escutou o episódio com o Marcel” aí ela falou “ah, escutei”, “é meu irmão”, e ela nem sabia que era tipo, ela tinha escutado e não tinha se ligado.

**Milena:** É super interessante observar nessa fala dele que o episódio manifestou pelo menos dois tipos de sentidos diferentes, a emoção da namorada que ouviu o Marcel contando sua história de vida, e o retorno positivo da irmã dele e sua amiga, as duas antropólogas, que ouviram e gostaram do episódio. Isso reforça a ideia do Mundaréu ser muito pensado e construído como uma proposta didática [música eletrônica de fundo, clima animado], pra apoiar estudantes e pesquisadoras dessa área.

**Daniela:** A gente considera muito importante poder falar sobre Antropologia com todo mundo, com as pessoas da sua família [fade out e fim da música], com as pessoas que você conhece para além das Ciências Sociais. Mas não necessariamente isso é fácil porque em geral, não só a gente trouxe pro Mundaréu como os temas de pesquisa da Antropologia envolvem questões mais difíceis, mais polêmicas, mais complexas, como por exemplo é o caso do trabalho sexual ou da própria experiência de transexualidade, movimentos ligados aos direitos fundiários de reforma agrária, ou questões como o autismo que ainda são muito pouco conhecidas. Como abordar essas questões, né, de que maneira que a Antropologia ajuda a pensar esses temas humanizando as pessoas que vivenciam essas experiências. Ou seja, mostrando o quanto essas discussões são difíceis, são complexas e como essas pessoas são também detentoras de direitos que precisam ser defendidos. Então a gente acredita muito na importância de levar essas discussões pros nossos círculos de relações pessoais, pras pessoas que não fazem parte das discussões mais acadêmicas mas que se interessam pelo tema, e isso num nível mais local mesmo das nossas relações, as pessoas com quem a gente pode discutir o podcast, pra quem a gente pode indicar o podcast e abrir uma conversa sobre esses temas.

**Soraya:** Vários dos temas que apareceram nos episódios dessa primeira temporada são temas caros pra Antropologia, temas que tem sido produzidos e discutidos pela

Antropologia faz muito tempo. Em alguns episódios a gente teve alguns retornos críticos. A geração de um certo ruído sobre o lugar de fala, que é um problema antropológico também né. Então de quem fala por quem, de que lugar que se fala e quanto que se pode falar. E a Antropologia geralmente fala sobre né, ela relata como que foi a pesquisa com aquelas pessoas. E a gente trazer o interlocutor e a interlocutora pra junto do antropólogo é uma tentativa de mostrar mesmo que essa relação é construída junto e mais do que isso, tentar não ser injusta na forma como é que essas pessoas, comunidades, interlocutores e ideias são retratados. Então essa foi uma das críticas que a gente recebeu. Aquele interlocutor tava falando da parte da experiência dele e talvez não representasse todas as pessoas semelhantes a ele ou que compusessem uma comunidade junto com ele né. Mas são tentativas, tentativas de retratar com alguma proximidade e também certamente a sensibilidade pras coisas que essas pessoas tão vivendo.

**Daniela:** Eu acho que a Antropologia é uma forma de construção de uma narrativa em relação com essas pessoas e o que elas podem contar sobre as suas vidas. É um outro lugar de escrita que não é necessariamente o lugar da pessoa, do que ela fala, da experiência dela né. Acho que esse é um dos pontos de partida da Antropologia, essa possibilidade de construir conhecimento com uma experiência humana que não é a minha, que não necessariamente é a minha. Pode ser a minha, tem toda uma discussão sobre isso mas não necessariamente é né, existe um conceito na Antropologia que é muito importante pra falar disso que é o de alteridade, que é essa condição de ser outro e é a partir dessa relação que você constrói seu conhecimento. Eu acho que um pouco do mal entendido tem a ver com isso os episódios não necessariamente eram episódios sobre transexualidade, sobre pessoas autistas, ou sobre o Movimento dos Trabalhadores sem Terra. Os podcasts eram de divulgação de como que antropólogos fazem pesquisa com esses temas né, e em relação com pessoas que vivenciam essas experiências, acho que tem uma diferença aí e não é uma disputa pelo lugar de fala, é justamente a produção de um outro lugar, pra falar dessas experiências em contraste, em diferença, em oposição muitas vezes e que esse lugar é um lugar importante também na construção de conhecimento.

É, isso foi uma das coisas que apareceu por exemplo na reação que o Henrique depois teve ao episódio e que o Lucas vai contar agora na sequência, de como que ele se viu como retratado não só na pesquisa da Taniele, mas em várias outras pesquisas mesmo né, de como que ele tava vendo a forma como cientistas falam sobre a favela, como um morador da favela.

[Trecho instrumental da música “Corpo a Corpo”, clima animado]

**Lucas:** Fala pessoal! Aqui é o Lucas Carrasco, eu sou trilhista e editor de áudio do Mundaréu. No episódio 6 a gente pôde conhecer um pouco sobre a parceria da Taniele Rui e do Henrique Gomes. Juntos eles fazem uma pesquisa sobre o consumo de crack no Complexo da Maré, lá no Rio de Janeiro. O Henrique vive na Maré desde pequeno então claro ele sabe muito bem sobre a dinâmica de vida lá, e foi interessante ver o que ele tinha pra comentar sobre a entrevista que de certa forma pretendia fazer com que

a gente entendesse questões que são do cotidiano dele né. Então olha só o que ele comentou.

**Henrique:** Eu achei que foi bacana, eu acho que eu fico meio confuso as vezes pra mim porque eu sei que tem pessoas que não conhecem sobre essa realidade [fade out e fim da música] por exemplo de uma favela, da Maré. Os tipos de pergunta as vezes eu achava uma pergunta, pra minha realidade, pra minha experiência muito, enfim, que eu acho que todo mundo já sabe mas eu sei que não, então causava um pouco estranhamento pra mim como era abordado sobre a minha realidade assim. Mas é isso, é um exercício de entender que nem todo mundo sabe do que que eu tô falando e da onde eu tô falando. Mas eu achei que foi bacana assim, foi interessante. Foi bom.

**Soraya:** Há uma série de desdobramentos e de efeitos que o Mundaréu produziu que não foram planejados por nós e que talvez de fato saíram assim né, do que nós imaginávamos pro Mundaréu. Então por exemplo a gente vai ouvir agora a Fernanda que é estudante da Unicamp e seu Irineu que participou do quarto episódio, eles vão contar como é que o episódio chegou por exemplo na comunidade, na prefeitura, então o Mundaréu ajudando também a divulgar esse mundo das pessoas que tem participado dele né, e das pessoas que enfim, que fazem parte da comunidade maior desse interlocutor que veio nos visitar. Vejam só.

[Música eletrônica de fundo, clima animado]

**Fernanda:** Olá, aqui é a Fernanda Andrade e eu mostrar o que o Seu Irineu, que participou do episódio 4, “Lona, Luta e Andorinhas”, e que é uma importante liderança da reforma agrária tem a dizer sobre sua participação no episódio do podcast Mundaréu, assim como da emocionante repercussão que teve.

**Irineu:** De todo trabalho que nós fizemos [fade out e fim da música], esse foi o primeiro programa de rádio que a gente fez assim a respeito do movimento de cultura, reforma agrária essas coisas todas. Gostei muito viu. Essa música do Chico César mesmo a gente cantava muito nas atividades porque mexe muito com a parte agricultura, reforma agrária, então era cantada muito em todos os movimentos que a gente fazia, tanto aqui como em São Paulo e todos os lugares que a gente ia então a gente cantava muito essa música aí do Chico César, ela era muito representada no nosso movimento. Então eu gostei muito do trabalho e a Silvana então, vixe, a Silvana chegou a chorar.

**Fernanda:** Além disso, Seu Irineu contou sobre a divulgação do podcast. Disse que enviou num grupo de mensagens do movimento para militantes, amigos e conhecidos, todo mundo. E que inclusive mandou para o prefeito da cidade.

**Irineu:** O prefeito, a vice daqui, tudo falou “poxa Irineu, como você fez um trabalho bonito com esse povo lá em Campinas, representando nosso lugar aqui, a cidade”. Eu falei olha, aqui é considerado a capital da reforma agrária essa cidade então eles falou “puxa vida, rapaz, gostei muito do trabalho de vocês, obrigado por você representar nosso lugar”.

**Daniela:** Assim como pro Seu Irineu foi muito legal poder compartilhar a participação dele no Mundaréu com pessoas da comunidade, outros interlocutores também nos contaram que gostaram de se ouvir no episódio e de se verem ali retratados na relação de pesquisa com as antropólogas e os antropólogos que participaram do Mundaréu. Esse foi o caso da Iranice com quem a gente conversou logo depois de publicar o sétimo episódio.

[Trecho instrumental da música “Eu quero Luz, quero Alegria!”, clima calmo e alegre]

**Iranice:** Eu gostei de me escutar. Eu tive uma pessoa muito importante pra mim né que olhou pra mim e falou assim “nossa, você tava muito bem, você ficou muito bem”, foi meu marido então pra ele gostar é que a coisa foi boa.

**Soraya:** Quando a gente criou essa primeira temporada e fez as gravações, a gente não imaginava [fade out e fim da música] que estaríamos enfrentando agora em 2020 uma pandemia né. E aí foi muito interessante conversar com os interlocutores hoje, e é visível como aquele episódio evoca o que tava sendo vivido naquele momento mas ao mesmo tempo ele lançou luz, ele lançou ideias pra pensar o momento atual. Então quando o Bruno, da equipe de Campinas, conversa com a Patricia, que esteve no nosso quinto episódio, isso fica muito claro, sobretudo em relação as populações indígenas.

**Bruno:** Oi pessoal, eu sou o Bruno e eu conversei com a Dani Patricia, que participou do episódio 5, “Vozes na Floresta e na Universidade”, ela nos contou sobre como foi ouvir o episódio, e também sobre a difícil situação das comunidades indígenas com o avanço da COVID-19.

**Patricia:** Ouvir o podcast me fez refletir muito sobre as questões de luta, nas questões de direitos e o ano passado foi minha primeira vez no Acampamento Terra Livre e conhecer todas essas figuras que a gente vê pelos jornais e a gente via nas manifestações e que agora a gente tem as notícias também que estão morrendo aos poucos [voz emocionada], são pessoas que conviveram com a gente, ou convive com a gente, são mulheres, são homens, são bibliotecas vivas como todo mundo fala, são bibliotecas das nossas culturas, são bibliotecas das futuras gerações que vão vindo e a gente só tem que se fortalecer espiritualmente. Mas enfim Bruno, o podcast me fez refletir bastante sobre isso voltando as memórias que aconteceram ano passado e de como essas pessoas tão importantes nas nossas vidas, nas nossas aldeias, nas nossas comunidades, também estão nos deixando e o futuro de amanhã a gente não sabe e isso nos entristece bastante.

**Bruno:** Além da Patricia, participaram da nossa conversa outros estudantes indígenas, o João Baniwa, o Cauã Borari, a Vanessa Atikum, Sol Jeripancó e o Léo Pankararu, que em memória da presença e da força dos seus ancestrais, cantou pra gente um toante do seu povo e nos deixou um recado.

**Léo Pankararu:**

Meu caboclo índio

Que que anda fazendo aqui

Meu caboclo índio

Que que anda fazendo aqui

Eu ando por terra alheia

Procurando minha ciência

Ô caboclo índio

Ô caboclo índio

A gente tá por terra alheia, a gente tá longe das nossas casas, nossas famílias né. Tamo precisando muito da força dos nossos ancestrais, principalmente nesse momento que a gente tá agora né, pra manter nossa paz, nossa calma e dar força pros nossos parentes e espero que com esse canto ter trazido essa força também.

**Daniela:** É, não só nosso presente está muito sombrio como os futuros são futuros muito incertos. Mas a gente planeja voltar com a segunda temporada ainda esse ano mais pro final do ano nesse mesmo formato.

**Soraya:** Quem sabe dê também pra explorarmos outros formatos de pesquisa que escapam dessa relação. A Irene que trabalha na equipe de Brasília ela regatou um dos retornos que nós recebemos exatamente nesse sentido.

**Irene:** Eu vou ler pra vocês um dos retornos que a gente recebeu de ouvintes ao longo dessa primeira temporada do Mundaréu. Esse retorno é da Marcela Vasco, doutoranda do programa de pós graduação de Ciências Sociais da Unicamp.

O interlocutor traz narrativas muito interessantes, eu adoro ouvi-los. É como falaram sobre a aluna indígena fazer parte do Consu, é diferente falar por e falar com, né. Mas por outro lado, pensei que alguns trabalhos talvez não coubessem nesse formato, né. Por exemplo, alguém que trabalha com arquivos ou imagens, não sei como seria, mas pelo que eu entendi vocês vão fazer algumas temporadas, né? Estou muito interessada no que está por vir. Parabéns a você, a Soraya e a toda equipe. A qualidade do podcast é impecável. Não parem por favor.

[Música instrumental de fundo, estilo bossa nova, clima alegre]

**Daniela:** De qualquer forma a gente fica muito feliz de ter recebido vários retornos do nosso público alvo, que são os estudantes de ensino médio, os estudantes de ensino superior e estudantes de Ciências Sociais e da Antropologia. E muitos nos contam que o Mundaréu é um tipo de Antropologia que eles conseguem compartilhar com suas famílias, e era esse o objetivo que a gente tinha desde o início, pensando que a divulgação científica tem que começar nesse espaço local, nesse espaço onde a gente existe, a partir do qual a gente age. Então uma das nossas frentes de atuação é atual também, é de pensar o Mundaréu como um recurso didático pra ser usado em sala de aula.

**Soraya:** Na UnB nó temos um projeto de docência com o Mundaréu [fade out e fim da música], e a ideia é utilizar os episódios como um material didático dentro de sala de aula, e fazendo esse material dialogar com textos, seminários, aulas expositivas, filmes e experimentar o material em áudio, né, que é um podcast, dentro da sala de aula. Então

a gente teve um apoio do Centro de Educação a Distância da UnB e a Luísa é da equipe de Brasília e ela nos fala sobre essa produtividade didática que o Mundaréu tem. Vamos ouvi-la.

**Luísa:** Oi oi gente, meu nome é Luísa, eu sou estudante de Antropologia na Universidade de Brasília e integrante do Mundaréu pelo CEAD [música instrumental de fundo, estilo bossa nova, clima alegre]. Eu iniciei no mundo, assim como meus colegas, no início da pandemia, e rolou uma sintonia muito legal porque eu tava procurando por projetos na Antropologia pra participar e um pouco antes eu tinha começado a escutar mais podcasts. E aí eu vi nesse recurso de audição uma forma muito melhor de aprendizado pra mim, que me cabia muito mais, porque eu sempre fui aquela aluna que aprendia mais escutando do que lendo, escrevendo, né, escutando e assistindo documentários e filmes, eu sempre aprendi melhor assim. E aí quando eu conheci a Soraya e ela me apresentou essa ideia incrível que é Mundo na Sala de Aula, pra levar os podcasts pras salas de aula, eu fiquei muito empolgada porque eu sei a diferença que faz quando você tem um professor que te mostra outros recursos didáticos, outras formas de aprender. Quando a gente começou a trocar ideia, comecei a conhecer melhor a Soraya, a Dani, as minhas colegas também, eu fiquei muito empolgada porque eu vi que são várias formas de conhecer as experiências das minhas colegas, de ver as pesquisas, os interesses, novos interesses, de compartilhar também medos, aflições, no meio também desse contexto de pandemia, foi e tá sendo muito muito muito gratificante [fade out e fim da música], de um crescimento pessoal e acadêmico muito valoroso.

**Daniela:** A equipe de Brasília já está revisitando todo nosso material de áudio dos episódios da primeira temporada, as mais de trezentas horas de gravação que a gente tem com as antropólogas e suas interlocutoras. O Hugo, que vai nos falar agora na sequência, já está trabalhando com um dos episódios, e propondo um novo formato que é o Mundo na Sala de Aula.

**Hugo:** Oi pessoal, tudo bem? Meu nome é Hugo Virgílio, eu sou aluno de Antropologia da Universidade Federal Fluminense, no Rio de Janeiro. Eu tô aqui hoje pra fazer um convite pra vocês. Esse ano eu vim aqui pra UnB fazer mobilidade acadêmica, uma espécie de intercâmbio entre Universidades Federais. E aqui eu conheci o Mundaréu, que em breve vai tá lançando o Mundo em Sala de Aula [música eletrônica de fundo, clima animado]. Esse novo programa é feito por alunos e para alunos, e tem como objetivo trazer uma série de discussões super legais inspirados nos episódios dessa temporada que tá se encerrando. O primeiro episódio fui eu produzi com a colaboração de toda a equipe do Mundaréu, principalmente dos alunos de graduação. Então eu quero convidar você a ficar ligadinho aqui com a gente e em breve conhecer esse nosso novo programa. Então eu conto com vocês e até breve. Tchau tchau!

## Fechamento

[Música de fechamento: "Quem canta" de Danú e Tatá, clima alegre. A música fica, ao fundo, até o final do episódio]

**Soraya**: Então pessoal, esse foi nosso o nosso oitavo episódio, Mundo, Tempo e Temporada. Estamos encerrando aí a primeira temporada do Mundaréu, eu tô particularmente feliz de fazer parte desse projeto que tem sido uma fonte de alegria imensa pra mim, e eu só posso agradecer minha grande parceira que me acompanha nessas aventuras todas que é a Dani. E acho que é importante também a gente agradecer todo mundo do Labjor que nos apoia muito e também nossos financiadores né Dani, que tem apostado na gente. A gente tá pedindo mais dinheiro aí, pra ver se a gente consegue continuar sendo financiado e tendo uma equipe também né, com bolsas.

**Daniela**: Eu queria agradecer em especial a nossa equipe de estudantes, sem quem a gente não conseguiria colocar esse podcast no ar, são todos muito dedicados, especiais e empolgados com o nosso projeto, então um abraço especial pra todos os que participaram e os que não participaram ou não conseguiram participar desse episódio com suas vozes, mas que tão sempre trabalhando muito pra gente conseguir levar o Mundaréu ao ar. Agradecer também os nossos financiadores, o Labjor, a UnB, pela parceria e pela visibilidade que tem nos ajudado a dar pro Mundaréu. E agradecer a você que teve a paciência de nos ouvir aqui nessa auto avaliação. Queria agradecer a Soraya pelo convite porquê de fato sem ela esse podcast jamais teria vindo ao mundo né, é por causa da empolgação e da paixão dela que a gente conseguiu fazer isso acontecer.

**Soraya**: E sem a paciência, a delicadeza da Dani, o natural jeito que ela tem pra poder aprender tecnologia e ensinar sobre software de edição, software de gravação, qual equipamento comprar, como usar agora, por exemplo, um software de, que a gente possa se ver olho no olho pra poder fazer gravação, tudo isso foi a Dani que foi fuçando, aprendendo, escolhendo e ensinando né. Sempre pensando em softwares livres e de acesso mais amigável. Mas eu queria também registrar que isso é fundamental pra qualquer podcast ir ao ar.

**Daniela**: E eu entrei meio que achando que no mínimo as pessoas iam finalmente acertar os nossos sobrenomes, no fim a gente chegou em resultados muito legais, eu tenho muito orgulho do trabalho que a gente ta fazendo, ta aprendendo a fazer e espera fazer cada vez melhor. Então é isso, que vocês fiquem bem, fiquem em casa se puderem e a gente se ouve em breve.

**Soraya**: Então tá pessoal, é isso. Um grande abraço pra todo mundo e até a próxima temporada.

## **Expediente**

Apresentação: Daniela Manica e Soraya Fleischer

Participação: Ana Noronha, Arthur Ulhôa, Bruno Campelo-Pereira, Fernanda Andreia Andrade, Hugo Virgílio, Irene Chemin, Lucas Linardi Carrasco, Luísa Nascimento, Melissa Bevilaqua, Milena Peres, Vinicius Fonseca, Zane do Nascimento.

Produção: Daniela Manica, Soraya Fleischer, Lucas Linardi Carrasco

Montagem e edição do roteiro: Daniela Manica e Soraya Fleischer  
Montagem e edição do episódio: Daniela Manica e Lucas Linardi Carrasco  
Transcrição do episódio: Arthur Ulhôa  
Composição das músicas e mixagem musical: Lucas Linardi Carrasco  
Conteúdo do sítio eletrônico: Soraya Fleischer e Daniela Manica  
Divulgação: Milena Peres

### **Mais informações**

- Conheça nossa equipe! <https://mundareu.labjor.unicamp.br/equipe/>
- Texto citado no episódio: CLIFFORD, James. A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1998.

### **Créditos**

- “Corpo a corpo” do Canto Cego: <https://www.youtube.com/watch?v=zGUb-TZp1Bs>
- “Eu quero luz, quero alegria”, de Rubinho do Vale:  
<https://www.youtube.com/watch?v=7yUTwHZH8wE>
- “Quem canta” de Danú e Tatá, uma dupla de cantoras de Brasília que embala sempre o Mundaréu! <http://www.oleve.com.br/quem-canta/>
- Foto de capa do episódio: “Brokenness” por by Colin Adamson (Freelimages)

**Agradecimentos:** Henrique Gomes, Patricia Barbosa, Marina Sena, Irineu Pereira, Marcel Bauab, Iranice do Nascimento, Fernanda Bittencourt, Geovane Flach, Marcela Vasco.